

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

Director—ANTONIO SALLES.

AMOR E TRABALHO

Gerente—SABINO BAPTISTA.

ANNO II

Fortaleza, 1. de Março de 1895.

NUM. 11.

EXPEDIENTE

Assinaturas por um trimestre 28(000)
Numero avulso. 5(00)
Pagamentos adiantados.

O Pão publicará-se á duas vezes por mez.

Pedimos aos collegas da imprensa o obsequio de declararem a origem das peças que transcreverem desta folha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, á rua do Major Facundo n. 4.

SUMMARY.—Os quinze dias. Moneyr Jurma;—A trimosia da onda. Sabino Baptista;—O Baptismo. José Carvalho;—Chromas. X. de Castro;—As manchas do sol e as secas. Rodolpho Theophilo;—Longo. Miguel Barros;—Mystica. Cabral de Alencar;—Carta á Padaria. Bruno Jacy;—Bibliographia. M. J.;—A lucta pela vida. Lopes Filho;—Recados. M.;—Carteira.

Os quinze dias

A quinquena que acaba de findar foi dedicada exclusivamente ao Carnaval, que, alias, não promettia grande coisa a principio.

De repente, porem, inflammaram-se os animos, e as festas de Momo assumiram proporções exceptionaes.

Conspiradores e Dragões, quizeram, a porta mostrar para quanto prestam e mostraram que prestam para muito.

A primeira destas sociedades, não querendo fazer passivista, empregou os seus recursos na decoração do edificio das suas funcções—que está um brinco—e na erecção de um esplendido pavilhão a frente do mesmo.

A segunda sahio á rua com um brilhante prestito, composto de magníficos carros allegoricos e outros de critica.

Cada uma das duas bailes, uns melhores que os outros, ou todos, melhor, si assim nos podemos exprimir.

As senhoras carinhosas mostraram

ainda uma vez o esmero com que se trajam, exhibindo fantasias de requintada e bom gosto e riqueza.

O chronista, que não é nenhum exquisito, andou tambem fazendo o seu pouco ou muito pelos salões, e, como artista, abarrotou-se de impressões felizes na contemplação de marmoreos lineamentos a emergirem da espuma das gazes, dos folhos crentes da seda e das nuvens vaporosas das rendas.

E—foreu é confessar—apezar do seu *artistismo*, sentiu a tentação lhe ferver por vezes no sangue, produzindo-lhe sensação identica a desses pruridos a que a medicina chama—*picados fulgurantes*.

Sim, o chronista teve a tentação de afivelar uma mascara e adherir ao grapo dos folhões, dando largas ao espirito que não tem (digam—não apoiado!) e a algum restinho de juvenil enthusiasmo que porventura ainda lhe aqueça as fibras.

Essa tentação foi o sbretudo despertada pela audição do *Zé Pereira*—que é a *Marselheza* da Folia.

Sempre queriamos saber quem foi que concebeu e escreveu esta meia dúzia de compassos musicaes tão suggestivos, tão eloquentes que ouvil-os é poyoar logo a imaginação de brigos e collos nus, de grandes narizes, de vestes exóticas, de vozes contrafeitas, e enfim de todas as deliriosas e extravagantes coisas que compõem o bisarro emmeeto das festas carnavalescas—tão discordantes da monotonia e solidão dos costumes de hoje.

Pessoas conhecemos, macambusias por indole, que, ao ouvirem as primeiras vibrações do *Zé Pereira*, se transformam, se agitam como si tivessem azougue nas veias e se atiram á padeira com uma gauda de famintos de prazer.

Quem será o Rouget de Lisle do *Zé Pereira*?

Conectamos todos os nossos leitores a tirar isto a limpo para que não continue desconhecido o nome do benemerito autor deste outro hymno de guerra de effeitos tão sabtares como aquelle que electrificava os francezes.

Si a *Marselheza* derribou a Baciilha, o *Zé Pereira* derriba as convenções creadas pela civilização e espanca o tedio de que ella nos cerca a existencia fazendo-nos marchar por trilhos certos e determinados, dos quaes não nos podemos desviar, sem descahirarmos do concerto publico.

Verdadeiro hymno de revolta, elle nos insurge contra os preceitos da carnispeção e contra as exigencias do nosso orçamento—alias já esvaagallado pela carestia.

Só a força electrizante do *Zé Pereira* faria com que nestes bicudissimos tempos se gastassem alguns pares de entos de ris em coisas que só serve para os tres dias de Momo, o que não faz com que muita gente se prive de muita coisa nos 362 restantes.

Endiabrada musica essa, que com seu simples *tra-lá-lá-bim!* faz andar á volta tanta cabeça sensata, escaneara tanto bolso apertado e desencara tanta face hypocondriaca!

Debalde o collega d'A Verdade profliga estes divertimentos, que têm muitos pontos de antinomia com os preceitos catholicos e cheiram soffrivelmente a enxofre.

E' que não basta ao povo o espectáculo tocante das procições; elle precisa tambem do espectáculo hilarissimo destas romarias mais ou menos pagãs. Deixal-o, collega!

Que tem?

São só tres dias aos quaes se segue immediatamente a quarta-feira de cinza com seu terrivel *memento homo*.

Sentimos não poder auxiliar na sua campanha contra o Carnaval, principalmente tendo elle posto em relevo a importancia da nossa associação, que foi alvo de diversas criticas mais ou menos espirituosas.

Houve quem, apreciando essas criticas, notasse que algumas dellas tinham intenções que não eram infinitamente amaveis, deixando perceber o proposito subtil de pôr um travestido no nosso deleite de contemplal-as.

Nos, porem, não reparámos em tal, e só as encurámos como uma affirmacão da força e da popularidade da Padaria Espiritual, não que tem tempo nem necessidade de elogiar a si mesma em vista da grande quantidade e superior qualidade dos elogios que diariamente e lhe chegam de todos os pontos do paiz.—Territorio das Missões inclusive.

Em vez de profligarmos o Carnaval, nos o applaudimos calorosamente, e enviamos aos *Conspiradores* e aos *Dragões* os nossos enthusiasmos parabenys pela gallardia com que se honveram nas suas homenagens a Momo.

Toquem, rapazes!

A teimosia da onda

I

*«A nauta que os mares sonda
disse, interrogando, à Onda:*

*—Porque vices a lutar
contra a emprednida rocha
onde jamais desabrocha
uma ulga ou um nenuphar?—*

*E oucindo-lhe a voz possante,
parou a onda um instante.*

*Mas depois, encapellou-se,
e ao rochedo arremessou-se!...*

II

*Igual interrogação
faço eu ao Coração:*

*—Porque buscas com feitor
esse coração de pedra,
onde não brota nem medra
um só rebento de Amor?—*

*E eu penso que elle me exenta
e cai renunciar à lucta.*

*Mas com furia inda mais brusca
ten coração elle busca!*

Crari—2—1895.

SABINO BAPTISTA.

O BAPTISMO

(AO ANTONIO SALLES)

I

Pela estrada afóra, para onde as novas ramadas nascidas no inverno começavam a cahir, como verde sané-fa que a Natureza caridosa e bôa anteposesse ao sol para se viajar á sombra, iam caminho da cidade duas creaturas infelizes.

Rosa apertava aos seios uma creancinha que ardia em febre e que de instante a instante soltava de entre a ordinária cassa que a envolvia um vago do que de certo lhe cortava fibra a fibra o coração; mas a idéa de que o filhinho, o fructo de seu amor ia receber a salvação do baptismo, v'n'a alivial-a como um balsamo divino; e assim seguia caminho da Igreja entre os effluvis acro-doces do coração de mãe e a crença salutar o bem-lita da religião do Calvario.

Raymundo seguia atraz, pensativo e triste... O amor de pae e a satisfação, que lhe ia n'alma pelo cumprimento de um dever imposto pela religião alternavam-se com outras conjecturas tristes e dolorosas; a doença inexplicada e grave da creança e o receio de que ella não morresse sem o baptismo não lhe deram tempo de ir longe, entre as pessoas abastadas procurar quem podesse servir de padrinho; elle não possuia a quantia exigida, não conhecia pessoa alguma na

cidade, e, si o vigário não quizesse celebrar o sacramento gratis, o que fazer?

Como deixar de ser baptisada naquella, d'a creancinha que quasi agonisava? Como? E assim seguia o Raymundo pensativo e triste...

II

Ao meio dia o vigário em uma rede espaçosa e commoda despertava de um sono profundo e calmo.

O velho sacristão approximou-se um pouco e lhe disse achar-se esperando na Igreja uma creança que precisava ser baptisada quanto antes; estava mal.

O vigário, saboreou a saliva, dando dous pequenos estalos com a lingua, e abrindo um pouco os olhos perguntou: os padrinhos?

O velho sacristão formalisado e com um certo tom oratorio respondeu emphaticamente:

—O pae allega ser um miseravel e espera do Sr. a caridade de ministrar o sacramento gratuitamente.

—«Pobres miseraveis!» respondeu o vigário em um tom ironico sentencioso com os olhos semi-cerrados; todos de minha freguesia o são e não sei até quando subsistirá na face da terra esta raça de infelizes.

Que vá procurar quem possa servir de padrinho; é impossivel mais caridade do que, a que tenho praticado até hoje. E' a palavra que todos conhecem? É o recurso de que todos lançam mão? Caridade!... repetiu, virando-se para outro lado e... ficou socego e tranquillo.

III

Raymundo e Rosa, almas infelizes e puras, creadas na innocencia das selvas e na doce crença da religião, não tiveram uma palavra de recriminação e nem de leve pensaram que o padre, o ministro de Christo havia faltado ao cumprimento de seu dever, á caridade!

A creancinha arquejava somente e Rosa de vez em quando chegava o bico do peito aos labios já roxeiros do filhinho para ver si uma gota de leite ainda podia prolongar-lhe a vida até receber o baptismo. Debalde! a creancinha não podia mais compartilhar de seu sangue.

Rosa, de contrariedade e de fraqueza sentio uma vertigem; Raymundo fôra procurar um padrinho e não voltara ainda. O sol se havia occultado e as tristes badaladas da Ave-Maria enchiam a tarde de uma tristeza pungente.

A creança soltou um gemido surdo, quasi imperceptivel, e Rosa despertou a este debil vagido.

Raymundo chegou e foi avisar ao sacristão de que não encontrava quem se prestasse a desempenhar aquella missão.

—«Povo miseravel e sem caridade!» disse o velho archivista ainda em tom oratorio; não sei até quando subsistirá na face da terra esta raça de infelizes. E' noite, é tempo, pois de repousar dos trabalhos do dia; ide-vos embora e mandae baptisar vosso filho por uma pessoa qualquer porque a Igreja nos diz que se elle morrer ficará baptisado.

IV

Rosa ao saber que seu filhinho não seria baptisado pelo padre rompeu em soluços e enquanto ambos volviam caminho de casa as lagrimas caíam gotta a gotta sobre a enlora da creancinha, que pouco a pouco recobrava a vida e parecia sorrir.

No entanto Rosa não via que seu pranto ressuscitava seu filho e não comprehendia quanto é poderoso o sacerdotio de mãe e quanto é sublime o baptismo das lagrimas.

JOSÉ CARVALHO.

CHROMOS

XIII

AO ALEXANDRE LOPES

*A casa é toda alegria!
Tudo sorri... Que praze!
Começa a Dona a fazer
Bolos doces, aletria!*

*A meninada annuncia
A festa que vai fazer...
Cantam seis; um a correr,
Cae, mas ri-se... Que folia!*

*Alexandre tem chegando,
Beijos e abraços cõo dando
No seu papae que annos faz:*

*«—Papayão do sertão,
«Teu senhor é capitão...»
Diz uma côz lá por traz.*

XIV

BOCCA DE FORNO

*O luar dá na parede
Que alorja, alorja demais!
No alpendre, em namia rede,
Canta o fadinho um rapaz.*

*Dicertem, na sala, á bisca
Velhas e moças; por traz
Espreita o joia a Francisca,
Dizendo:—Corta de az!...*

*Lá fóra, doidos, traquinas,
Os meninos e as meninas
Vão uns e outros em torno*

*D'um que, sentado n'arcia,
Junta flores á mão cheia,
Gritando:—Bocca de forno!*

XV

AGUACEIRO

*Cae a chuva. Em casa tudo.
Revela grande alegria,
Menos o velho, que chia
Com seu rheumatismo agudo.*

*De semblante carrancudo
Põe-se a velha em gritaria,
Dizendo:—Corre, Maria!...
Oh! Que pé-d'agua barbudo!*

*Corre, negra! Anda, ranqueira!
Bota a jarra na gotleira,
Tira da chuva o pilão!...*

*—Ora!... A gente assim molhada!...
—Tira essa roupa, lezada!
Fica só de cabeça!...*

X. DE CASTRO.

AS MANCHAS DO SOL E AS SECCAS

II

Escudando em observações feitas em S. Luiz na ilha Maurícia por Melbrum, que afirma *ali coincidirem alguns períodos de chuva com máximas de manchas solares*.

Acceptando uma observação isolada como sufficiente para orientar o em tão delicado assumpto, o Sr. Capanema, sem receios de expor-se a grande descepção, acostasse a opinião de Melbrum e afirma que *a minima de manchas solares corresponde máximas de secca*.

O Sr. Barão de Capanema excedeu ao Sr. Melbrum, porquanto afirma a *mais notavel coincidência entre os dois phenomenos* e este apenas diz *coincidem alguns períodos de chuva com máximas de manchas*.

Do quadro organizado por Wolf, director do observatorio de Zurich, das datas de mínimas e máximas de manchas solares vê-se que de 1712 a 1878 em 183 annos, apenas duas vezes coincidem as seccas com as mínimas de manchas do sol.

Para que houvesse a mais notavel coincidência entre os dois phenomenos era preciso que no citado periodo tivesse havido secca todas as vezes que as manchas solares chegassem ao minimo.

Mas tal não houve.

De 1712 a 1878 quinze vezes as manchas do sol tocaram no minimo e só duas vezes observou-se a citada coincidência. Eis o quadro de Wolf, transcripto por Flammarion em sua *Astronomie Populaire*:

MINIMAS	MAXIMAS
1712	1717
1723	1727
1733	1738
1745	1750
1753	1761
1765	1770
1775	1779
1784	1788
1798	1804
1810	1816
1823	1829
1811	1837
1856	1848
1897	1890
1878	1870

Seccas do Ceará de 1712 a 1879:

1711	1809	PARCIAL
1723	1817	"
1721	1825	"
1725	1827	PARCIAL
1724	1830	"
1727	1833	"
1736	1845	"
1745 (parcial)	1877	"
1777	1878	"
1790	1879	"
1791		
1792		
1793		

As manchas do sol, como se sabe, apresentam-se com uma periodicidade de quasi regular. Todos os onze an-

nos o numero de manchas atinge ao maximo, diminui depois durante se e annos e meio, desce ao minimo e leva tres annos e seis decimos para voltar ao maximo.

O periodo, e pois, de onze annos e um decimo.

umas vezes, porém, reduz-se a nove annos, outras eleva-se a dez e mais annos, como diz Flammarion.

A precedida coincidência entre os dois phenomenos, seccas e mínimas de manchas do sol, desapareceu completamente em face dos dados publicos.

Para mais provar a falsidade da asserção do Sr. Barão de Capanema, recorramos a um periodo muito proximo e muito conhecido de quasi todos nos, o que vai de 1815 a 1846 e havemos de ver que durante esses trinta annos, nem uma secca parem houve, muito embora duas vezes as manchas do sol tivessem desido ao minimo e a um minimo muito baixo—28 e 34 manchas!...

Se fosse uma verdade a influencia das manchas solares sobre a quantidade de chuva que cahi sobre a terra, ella não se faria sentir sobre um ponto tão limitado como é a zona flagellada pelas seccas no norte do Brazil e na India, e sim em todo o globo, porque ha manchas solares, cujas dimensões excedem muitas vezes as da terra.

O nosso planeta está distante do sol 149 milhões de kilometros, mas essa enorme longitude não é bastante para deixarmos de sentir os effeitos das revoluções que se passam no astro-rei. As perturbações entretanto que se observam, tendo por causa aquellas revoluções, não se limitam a alguns pontos do globo e sim a todo elle. Basta citar como exemplo as curiosas perturbações magneticas d'agulha observadas em 1871, 1883 e 1894. Essas perturbações não se fizeram sentir em um ponto ou outro do globo, *como as manchas do sol*, n'uma mesma latitude, mas em toda a terra. Essas agitações foram as vezes tão violentas que a bussola desorientou completamente, os fios telegraphicos submarinos interromperam, isso na Europa, na America, na Asia, finalmente sentiram-se os effeitos das revoluções que se passavam no sol, mas no globo inteiro!...

Do mesmo modo que o minimo de manchas diminui a quantidade de chuva, o maximo de manchas a augmenta, isso se disse e se sustentou no Instituto Polytechnico.

Comparando as datas dos grandes invernos do Ceará com as do maximo de manchas nem uma coincidência e isso no periodo de 166 annos!

No citado periodo tivemos invernos copiosos como os de 1735, 1782, 1793 e 1805 que deixaram tradição tão geral e penosa como a secca de 1792, mas nenhum d'elles coincidiu com o maximo de manchas solares.

Para mais corroborar a minha asserção quanto a influencia do maximo de manchas do sol sobre a quantidade de chuva que cahi no Ceará, publico o quadro de observações pluviometricas feitas em Fortaleza de 1819 a 1894:

ANNOS	DIAS	MILL.
1819	112	1,507
1830	79	1,022
1851	103	1,411
1852	102	1,511
1853	61	1,005
1854	100	1,508
1855	66	1,075
1856	119	1,760
1857	78	1,746
1858	87	1,305
1859	101	1,337
1860	137	1,754
1861	111	1,423
1862	114	1,495
1863	131	1,430
1864	82	1,007
1865	110	1,253
1866	117	2,175
1867	84	873
1868	130	1,374
1869	118	1,531
1870	111	1,614
1871	103	1,440
1872	167	2,290
1873	121	2,042
1874	73	855
1875	121	1,611
1876	111	1,637
1877	64	173
1878	40	590
1879	71	596
1880	133	1,539
1881	112	1,327
1882	111	1,246
1883		1,440
1884		1,175
1885		1,219
1886		1,410
1887		1,336
1888		700
1889		735
1890		1,401
1891		780
1892		1,268
1893		1,312
1894		2,117

Do quadro acima vê-se que nos ultimos 15 annos, isto é, 1849 para cá, quando se começaram a fazer observações pluviometricas em Fortaleza foi o anno de 1866 o de maior inverno, pois o pluviometro roolheu em 117 dias de chuva 2,453 mill.

Se fosse exacto que a quantidade de chuva que cahi no Ceará augmenta na razão directa do numero de manchas solares o inverno de 1866 devia ter sido muito escasso, pois em 1867 as manchas do sol desceram ao minimo.

No citada epocha não foi somente essa vez que se observaram invernos copiosos no periodo decrescente das manchas do astro-rei.

Em 1856 tivemos um bom inverno, 1700 mill., e em plena minima de manchas.

Não foi esculado em um facto unico que condemnei o que se disse no Instituto sobre as seccas do Ceará:—N'estas matricas contem que nos abstenhamos de generalisar, em quanto não tivermos um numero maior creação de observações.

ROSA-DEO THEOPHILUS

LONGE

(INEDITA)

Partiste, Santa, e as curvas do caminho

*Percorrendo tu foste uma por uma:
E, rasos d'agua, os olhos estendendo,
Em toda a parte eu cria estar te vendo,
Sem conseguir tecer em parte alguma.*

*Partiste... Sobre a larga estrada poen-
ta,*

*Largo tempo fiquei sosinho e mudo,
A pensar, a pensar que foi contigo,
Toda a alegria que em meu peito abri-
go,*

Toda a minh'alma foi contigo. Tudo!

*Oh! pudesse-te eu ver inda um mo-
mento*

*Como em tantos momentos já te hei
visto!*

*Bastava-me um olhar, um riso, um
beijo*

*Para matar o indomito desejo
Que me mata também e a q' eu registo.*

*Inda parece que essa voz muciosa,
Venir cantar-me bem proxima d'ouvido;
As ceceas, mesmo a sós, ouvir eu creio
Rumor de uns passos, palpar de um
seio*

E o roçar ligeiro de um vestido...

*Pobre Aniya! bem sei que os mesmos
males*

*Padeceas que eu padeço; que esta amara
Saudade que me ferra a que tu sentes,
Que os nossos olhos fitam-se inda au-
sentes,*

Apezar da distancia que os separa.

*Tu sabes quanto doe-nos, quanto custa
Abrir os cofres d'alma, os auros co-
fres*

Onde dormiam sonhos erradias...

*Abril-os, encontrando-os tão casios...
Acalia-os por ti, que também soffres.*

Recife.

MIGUEL BARROS.

Mystica

Havia no seu temperamento a languidez deslumbradora e ardente do meio dia, em sua terra, quando ru-rosos macios da folhagem verde, vãos de andorinhas, sonoridades tremulas de rolas a cantar nas matas, pertur-bam a somnolencia do ar velludo e claro, narcotizado pela luz, que aro-matisada brinca, n'uma indolencia flava e jovial por sobre os laranjeas e os mangueiraes enfiados.

A sua alma era como uma ballada oriental diluida n'uma nostalgia de crepusculo, uma coisa immaterial, feita de tristezas do azul e de sons vagos, musicas de harpas passiona-lmente dedilhadas.

Sensual e nervosa, o seu organis-mo franzino, escurvado pela vehe-mencia brutal de seus nervos desequi-librados, tinha vibrações de lamina electrisada.

A Hysteria rugia n'elle, como uma leoa fulva, sedenta, n'um deserto africano.

Vagavam no seu sangue aneias ru-bras, anhelantos de sensações desco-nhecidas.

Pereciam-se no seu semblante pal-lido, doentio a revolta da carne tortu-rada, a resolução dos jejuns e das pe-nitencias.

Por entre as sombras violaceas do mysticismo, se desdobravam na sua existencia, as azas lividas d'um affec-to espirital aconchegando resigna-ções para um amor que morava igno-rado, desilludido em seu sor.

Visitavam-na religiosos extasis em que ella via escancarar-se uma porta colossal de ouro e o céu lhe appare-cer resplandecente, infinito, forrado de chrystal e de diamante, mobiliado de astros, povoado de canticos, de vi-sões translucidas a voar, cortinado de sóes, e no meio de uma nuvem, au-reolado de anjos, S. Luiz Gonzaga, o santo de sua adoração, sorrindo...

Quando commungava a alvissima hostia, sentia passar na sua visualida-de mystica o Espirito Santo, transi-gurado em um pombo luminoso e bran-co, que pensava em sua cabeça, affa-gando os seus cabellos escuros como os cabellos por onde passava o olhar terno e visionario do Rabbi, quando mirava as Virgem da Judia.

A' noite, sonhando, o santo de sua adoração, assomava nas cortinas do seu leito, enrolado em vestes transpa-rentes: ella abria os braços para rece-bel-o e apertal-o, e elle sumia-se, su-mia-se, deixando pelo seu aposento um perfume sensuatizante e celestial.

Depois, S. Luiz Gonzaga tomava as feições do Homem que ella amava: approximando-se, approximando-se, roçava em seu corpo pallido. N'um sobresalto nervoso acordava. A visão fugitiva do sonho desaparecia esfu-ziando na sua imaginação como uma tentação do Demonio.

Tremula, assustada, ajoelhava-se e, nas trevas silenciosas, sua alma se espiralava numa prece a Deus, para lhe afugentar esses pensamentos ma-los que tinha quando dormia.

Nos templos, prostrada, torcendo-se em extasis de adoração, só levanta-va o olhar, o seu olhar d'um fulgor baço de luz enviduçada, para fixar as imagens, que se destacavam immo-veis, triumphaes, douradas, na doçura harmoniosa dos velludos e dos mar-mores dos altares, sob uma serena ra-diação de gloria.

A imagem de Christo soberanizan-do a apothecose das adorações, dos canticos e das orações, esculptural-mente pregada na cruz, na posição em que divini-sou o soffrimento, sug-gerionava-lhe consolações devotas...

E pela sua alma esvoaçava uma la-mentação evocativa por não ter nasci-do naquelles tempos ignotos, longin-quos, santificados em que elle vivera e fizera ouvir a sua divina voz, annun-ciando as promessas de uma outra vida melhor.

Ao vel-a assim nos templos, con-templando immobilidades de imagens sem vida, desfiando preces, os labios sequiosos de outros labios, beijando as frias columnas das naves claras as toallas alvissimas que se estendiam nos absides, revestindo a nudez sagrada dos altares, com a cor symbolizadora da

pureza das noivas espirituas de Nos-so Senhor, das almas branqueadas pelo luar da Crenga, — eu sentia uma grande tristeza e uma grande dor.

Toda minha sensibilidade chorava, e se revoltava contra aquelle desper-dicio de caricias e ternuras.

Vinham-me desejos de fazel-a aban-donar aquelle ascetismo morbido e in-fecundo, a devoção immoladora com que ella procurava aniquillar as tor-mentas de sua carne...

Mas, ah!... no seu coração esterili-sado pelo desengano, não podia nas-cer outro amor; e o que alli havia era como um lyrio murcha, inclina-do, no luar, na entrada de um mo-riteiro.

CARRAL DE ALENCAR.

Carta á Padaria

Não ha peor desgraça para uma pe-quena cidade do interior do que che-gar-lhe o caminho de ferro as portas.

Vêem vocês uma cidadezinha de tres ou quatro mil almas, perdida ahí por essas matas, ou sertões, modesta e fazeira, resplendente de aromas campe-zinos, toda singela, toda louça, encan-tadora na sua matutice robusta e sadia?

Ha cousa mais agradável do que vi-ver alli uns dias de uma vida quasi primitiva, em que a ausencia de mil amollições e distates da senhora es-viçação põe um sabor especial e de-licioso até mesmo no que ha de rude e grosseiro?

Pouham-lhe agora um caminho de ferro e não de vir.

Vão-se a poesia e singeleza dos cos-tumes, e começa o monstro de fogo a trazer da capital diariamente o es-pirito de imitação, (um espirito mais nocivo que o da canna) que faz com que as pequenas cidades vivam a ma-quiear continuamente as grandes, da maneira mais burlesca e aleijona.

Não tardam vir chegando as cartô-las e os pianos; besuntam-se as matas com litteratura, e apparecem pelas pa-rêdes a torre Eiffel e o homem do ba-calhão; o barbeiro adorna a sala com as inevitaveis odaliscas de phy-sionomia ingleza ou hespanhola. Os trombones da localidade põem-se a estudar mezes inteiros a mais sôda das polkas em voga na capital; instal-la-se um club dansante, e um *Palha-bote* em miniatura começa a esvasiar cerveja nas tripas da população.

La vão chegando as dyspepsias e o hysticismo, e alli está uma cidade ci-vilizada e uma sociedade burgueza em toda a hediondez da expressão.

De tudo isso porem nada é tão des-olpante, tão supinamente comico ou, melhor, tão tristemente ridiculo como o porte, os ademanos, a linguagem de certos habitantes dessas cidadezinhas em presença da gente da capital.

Quando elles teem de se metter no trem, levam toda a semana anterior a estudar as phrases e os gestos que pre-meditam commetter no carro para edificação e panno dos compãheiros de viagem.

Quando um moço da localidade en-cadernado em frac á moda, collari-nhos e botinas (fatuota de tr ao For-

ter-se desabar em um banco do carro, o seu primeiro cuidado é procurar uma vítima, um pobre diabo mais ou menos conhecido seu, com quem haja conversar. Em ultimo caso um empregado do trem, um desconhecido mesmo serve de victima, assim consigo o nosso heróe entabolar conversação.

E então começa elle, em voz bem alta a pretexto de conversa com a victima, a expor a todos os passageiros do carro as idéas mais ou menos enesbadas que lhe empecoalhava a papa encaphalica.

—Esta resolvido a mudar-se para a capital; aquella vida do mato, já não a pode supportar; naquella cidade em que mora já não se vive, pegeta-se. Oh!... aquelles costumes... o carranismo d'aquelle povo... e mais isto, e mais aquilo... E relancea o olhar por todo o carro para certificar-se do effeito produzido. Si porventura lá no ultimo banco elle descobre um typo que olha para elle e o esenta com attenção (já com a idéa de escrever estas tiras,) torna-se radiante, e então expande-se largamente sobre as suas aspirações, os seus projectos, as suas habilições, os seus benéficos esforços no sentido de civilisar o povo da sua terra, povo refractario, no seu dizer, as luzes do progresso.

E vai sempre alteando a voz, de forma a dominar todas as conversações no carro e encomprando os vocabulos, muito embora lhes altere o sentido, dizendo movimentação por movimento, progressividade por progresso, indifferentismo por indiferença, reluctancia em vez de luta e assim por diante.

E ao terminar a viagem, como para agradecer ao typo do ultimo banco, aquelle que não despregava os olhos delle, a attenção admirativa que parecia prestar á sua eloquencia, brincha-o com uma risinha saudação, a que o outro corresponde, não menos agradecido por lhe ter elle proporcionado ensejo para bosquejar este esboço e envia-o aos irmãos da Padaria.

Serra do Maranguape, Dezembro, 1924.

BRUNO JACY.

BIBLIOGRAPHIA

Revista Brasileira. — Fomos obsequiados com a remessa dos tres primeiros fasciculos desta importante publicação que acaba de apparecer ao reaparecer na Capital Federal sob a criteriosa direcção de José Vorassimo.

No seu modesto, mas muitissimo sensato artigo de apresentação, o director faz sentir a necessidade de uma publicação nas condições da *Revista Brasileira*, que, sem ser a continuação de outras que com o mesmo titulo tanto enobreceram as lettras nacionaes, tem contudo o levantado desideratum das suas inolvidaveis predecessoras.

Quer pela sua escolhida collaboração, quer pelo seu excellente aspecto material, nos pareceu a *Revista* de José Vorassimo perfeitamente na altura

da sua missão de repositório das locubrções dos nossos escriptores, a cuja actividade abre um campo mais acessivel do que o livro e menos ephemero do que as columnas da imprensa diaria.

Fazemos ardentes votos para que não falte a *Revista Brasileira* o concurso pecuniario indispensavel a sua manutenção nem o concurso intellectual dos nossos homens de lettras.

E receba José Vorassimo ou nossos emhoras pelo seu bello empreendimento, que é mais uma conquista do seu lucido e infatigavel espirito.

M. J.

A luta pela vida

(AO JOSÉ CARLOS)

*Estúpida lei da Vida,
Cruel destino fatal:
Onde sangra uma ferida,
Alegre-se um animal!*

*Nasce a creança; ella chora,
Chora, com foute taloez:
Cresce; mais tarde decora
Como as pantheiras ceneis.*

*Oh! torça lei da Existencia,
—Luta incessante da mar—
Da vida eis toda a sciencia:
Decorado ou decorar!*
95.

LOPES FILHO.

RECADOS

O noticiarista de um dos nossos jornaes diarios, o mesmo que já deu assumpto a algumas *piadas* desta secção, acaba de enriquecer a lingua portugueza (2) com dois vocabulos novos — *sucessassional* e *immortalis*.

O processo empregado pelo noticiarista para formação dos seus neologismos é o de agglutinação.

Vejamos: — *sucessassional* — que parece exercicio para gogos — é a raiz de *sucesso* seguida do the na *sen* *succional*, á qual se mudou a e em se por artes de berliques e berloques.

— *Immortalis* — é a palavra *immortal* — á qual se amputou o l, seguida da ultima syllaba do *memorialis*.

Como vêem, o processo é simples e fecundo, podendo-se pelo seu emprego reformir completamente esta sovada lingua portugueza que já não corresponde aos arrojos de um noticiarista de festividades.

Achamos bom que o cavalheiro a quem nos referimos requizita privilegio para a sua invenção e tracte sem demora de organizar nma collecção dos seus neologismos em ordem alphabetica.

Para a letra C lembramos-lhe a palavra *carnagaleco* arranjada por Arthur Azevedo.

Como se chama *scargaleco* a um calor muito forte e como, de ordinario,

o calor é muito forte pelo tempo do *carnacal*, Arthur Azevedo fundiu as duas palavras em *carnagaleco*, que é de uma expressão extraordinaria.

Prosiga o imperterrito neologista a seu trabalho ingente de enriquecer a lingua varnicata, e em breve elevará a Cénra a altura... da torre de Babel.

O nosso collega d'A Verdade, em seu artigo *Indifferentismo religioso*, aponta varios pretextos de que se serve a *moçada inexperiente* para se divorciar da Religião e entre elles a circumstancia de pertencer á dita moçada a esta ou aquella *sociedade litteraria*.

Apressamo-nos em declarar que não nos cabe a carapuça, porque no seio da Padaria Espiritual é fechar-se os olhos e pegar-se um catholico, dos quatro costados. — por exemplo o Anatolio que não se deita sem resir, não come carne as sexta-feiras, vai regularmente á missa, não se binha sem primeiro fazer o signal da cruz, e anda á procura de uma viuva rica com quem se case para não continuar a infringir um dos mandamentos.

Não, collega! a hydra da heresia ainda não nos inoculou a sua baba peçonhenta — em boa ora o digamos!

O proprio nome da nossa associação indica que acreditamos na existencia do espirito, na immaterialidade do seu em todas as suas relações theologicas.

Nós os da Padaria, quasi todos, ajudamos missa em pequenos, e a *fortiori* não podemos abandonar a religião que é a *alma parva* da vida.

Com esta declaração nos suppomos isentos de que o collega nos diga — *de te fabula narratur*, embora sejamos *rari nantes in quergite casto* ou *cox clamantis in deserto*.

Cuique suum.

Na *Correspondencia da Amazonia*, que o *Diario do Ceará* começou a publicar, encontramos uma profunda observação economica de envolta com diversas noticias importantes, entre as quaes a da chegada de um circo de cavallinhos.

Eil-a:

« O estado de coisas liberta o commercio mais escravis o povo; O cambio que permanece em baixas taxas (e não quasi rimava!) é todavia favoravel ao negociante, porem o consumidor é que sente o peso da situação.»

Profundo e bonito!

Não se perde nada neste periodo — concepção, construcção, orthographia e pontuação — tudo é primoroso.

Si as promettidas *Cartas bahianas* forem do mesmo gosto que as da *Amazonia*, pode o *Diario* dizer que esta bem servido de correspondentes.

Ora se está!

Uma outra cousa excellente do *Diário* é a sua secção—*De mascara*, assignada por Zé Pereira.

Tem graça por dez esse seu Zé. A's vezes julgamos estar lendo Ferreira de Araujo, Urbano Duarte ou Arthur Azevedo, e vai então quando esbarramos com o jamegão do Zé.

Rapaz encapetado ; Ora vejam as *istucias e crusidades* do Zé :

Já leu o *Candide* de Voltaire ; já viu paredes sementando (?) esplendidas *nuances* ; já viu uma menina bonita com o pescoço enterrado pela cabeça ; já dansou valsa ao som do Zé Pereira ; escreveu este mimo — « *Mas é mesmo muito bonito o Eldorado!* » ; inventou o verbo — *escambulhar* — muito parecido com outro que nós sabemos ; teve a lembrança infinitamente espirituosa de chamar — *marechal* — ao Prazer ; inventou as interjeições *ipe!* *ipe!* ; já esteve em Paris ; morou no Quartier Latin ; sabe francez como todos os diabos ; inventou a palavra *chulescente* ; fala em tempo *inezquível* ; diz que os Srs. Gomes Barbosa & C.ª são feitos dos melhores tabacos do Brazil (livra!), e...acaba com muito sai.

O collega do *Diário* tenha mão no Zé! Este homem escangalha por uma vez os queixos da gente. Nem mesmo o Ernesto Vidal lho resiste.

Sugique o Zé, collega!

O Sr. M. T. (ou T. M.?) escreveu para a *Revista Moderna*, do Recife, uma série de perfis de membros do Centro Litterario, começando pelo do Sr. Papi Junior, do qual diz, entre outras cousas, o seguinte :

« E' um *gentleman* : luxa como um parisiense, apesar de casado. »

Sim senhor! E' realmente extraordinario que o Sr. Papi—casado e pai de filhos—se dê no luxo de vestir bem, podendo entretanto andar na rua de calça e camisa ou mesmo de camisa e coroula!

E nós, que não sabiamos que todo o cidadão casado tem a obrigação de andar na *fulana*!

Agora já sabemos, e, quando quizermos conhecer si um individuo pertence ao rol dos homens serios, não roparamos si tras *alliança* no dedo, mas olharemos simplesmente para a sua fatura : — tendo os cotovellos rotos, a gravata ensebada, o peitilho manchado de café, a calça roída em baixo e com queijos atrás — não ha duvida nenhuma : é casado.

Cumpre apenas abrir uma excepção para o Sr. Papi, que, *apesar de casado*, percorre as ruas com sua calça branca bem engommada, o seu paletot de palha de seda, os seus cothurnos de couro amarello e o seu chapéu de massa molle,—em fim na elegante e requinta-

da compostura de um parisiense que assiste ás corridas do Grand Prix ou á abertura do Salon.

Um pênitza, esse papel queimado !

E para fechar estes *Recados* aqui vai uma piada authentica.

Um cavalheiro ao ler o artigo—*Servi chronica*! do incomparavel *Chamber Son*, larga o jornal e exclama :

—Não, é *aguda*...

M.

CARTEIRA

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Pedimos aos nossos assignantes do interior e dos Estados que mandem, sem perda de tempo, reformar suas assignaturas, afim de não lhes ser interrompida a remessa desta folha.

Chamamos para este assumpto a attenção dos nossos estimaveis correspondentes.

CONCERTO

Foi um verdadeiro triumpho para o distincto professor Jorge Victor o concerto que, sob a sua direcção, se realizou no palacete da praça dos Martyres.

Com extrema gallardia se portaram os amadores que nelle tomaram parte, despertando o mais vivo enthusiasmo do auditorio—o mais numeroso que já nos foi dado ver em festas identicas.

Dando os nossos parabens ao estimado professor, agradecemos-lhe o convite com que nos distinguia.

«UM INVEJADO»

O eminente escriptor Affonso Celso acaba de remetter-nos os dois volumes do seu ultimo livro—*Um invejado*, que, como sabem, é dedicado a nossa associação.

Só no proximo numero poderemos apreciar este notavel trabalho em nossa secção bibliographica.

«ALMANACH DA FORTALEZA»

Fomos obsequiados com a offerta de um exemplar deste interessante repositório de informações, organizado pelo nosso estimavel collega d'A Republica, Sr. João Camara.

Publicando este trabalho, o Sr. João Camara prestou um grande serviço ás classes laboriosas que encontrarão em seu Almanach um excellentissimo consultor.

Muito agradecidos.

HENRIQUE JORGE

Acompanhado... não de sua exma. familia, mas de seu excellentissimo violino, chegou a dias do Pará o nosso prezadissimo consorcio Henrique Jorge.

Não trouxe correnteão nem chapéu de sol, mas trouxe, em compensação, o seu bom humor a expandir-se a cada instante em scintillantes pilherias.

Indo visital-o o nosso collega Mon-cyr Jurema e não o encontrando—na-

turalmente—em casa, deixou-lhe a' um cartão o seguinte :

*Devido a sério embarço
(Umás cisitas manasantes)
Eu hontem não pude vir
Dar-te o fraternal abraço
Cheio de effusões vibrantes,
Que aqui te deixo.*

MOACYR.

Como o Moacyr, todos nós abraçamos jubilosamente ao Sarauat da Padaria.

PHARMACIA NAVEGANTES

Por esta conhecida casa nos foram gentilmente offerecidos dous almanachs e duas bonitas ventarolas com preconios dos seus affamados medicamentos.

Agradecemos.

JOSÉ CARLOS JUNIOR

Quasi restabelecido dos seus incómodos, seguiu para Quixadá, com sua exma. familia, o director da nossa associação, afim de completar a sua convalescença.

Que os ares sertanejos curem promptamente ao José Carlos, afim de que mais depressa o tenhamos á frente da Padaria.

«PHENIX CAIXEIRAL»

Recebemos um exemplar da edição especial desta folha, órgão da sociedade do mesmo nome, trazendo na primeira pagina o retrato do pranteado moço Januario Fernandes e artigos e versos sobre o seu prematuro passamento.

A SEMANA»

Reappareceu na Capital Federal esta bella revista de Valentim Magalhães o Max Fleiuss.

Passando á propriedade de uma empreza, é de esperar que não seja obrigada a fazer nova synalepha, continuando a visitar regularmente os seus apreciadores, nós inclusive.

«CARICIAS»

No proximo n.º nos occuparemos do magnifico livro—*Caricias* de que é auctor o nosso illustre consorcio Dr. Garcia Redondo.

VISITAS

Temos sido visitados pelos seguintes collegas da imprensa : O Paiz e A Noticia, do Rio ; O Dia, do Rio G. do Sul ; a Renascença, da Bahia ; o Correio Mercantil e o Democrata, de Alagoas ; a Revista Contemporanea, Revista Moderna, Vanguarda e o Binoculo, do Recife ; a Gazeta do Commercio, A União e o Democrata, da Parahyba ; O Rio Grande do Norte e O Estado, do Natal ; O Cri-cri, do Piahy ; A Provincia do Pará, A Republica, O Democrata, O Commercio, o Patriota, o Tocantino e o Baixo Amazonas, do Pará ; O Cyane e A Democracia, de Minas Geraes.

A todos temos retribuido a visita com a maxima pontualidade.

PREPARADO PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbia na de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago: — Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões dificeis, azias, flatulencia, peso de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição. etc.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito: — Bronchte chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebições do systema nervoso: — Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos, das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, chlorose, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACIO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfartadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATOS DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculi ou pedras), rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSAPARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre

INJECCÃO ANTI-BLENORRHA-

GICA. Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

POS DENTIFRICOS. Alveão e conservão os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se à venda na pharmacia Gonzaga.

80 — Rua do Major Facundo — 80, Ceará.

Aguilar

O proprietario desta acreditada loja de modas apressa-se em saudar a sua amavel freguezia, fazendo votos para que o corrente anno lhe seja todo de venturas.

E outro sim: cumpre-lhe chamar a attenção para os lindissimos artigos que acaba de despachar.

A mais chic *demoiselle* e o mais exigente *dandy* encontrão com que satisfazer os seus elegantes caprichos, procurando o que precisam na loja

AGUIAR

69, RUA MAJOR FACUNDO, 6

ESTAMINET EUROPEU

Artisticamente montado com o mais esmerado gosto e asseio, garante boa mesa e preços modicos.

Promette-se a maxima promptidão no serviço e a mais principesca delicadeza.

PROPRIETARIO.

Manoel Pereira dos Santos.

108 B — Rua Formosa — 108 B

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTE ESTADO

Jóias de ouro, brillantes e pedras preciosas de todas as cores. **Relógios** de ouro, de prata e nickel, para algebeira, inglezes, americanos, suissos etc, etc. **Relógios** para paredes e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia

Jacques Weil & Co

70 RUA DO MAJOR FACUNDO 70

CONFUCIO

Casa fundada em 1881

Endereço telegraphico--CONFUCIO--Telephone n. 44

31 -Caixa do Correio- 31

Confucio Pamplona & C.

Proprietarios

Especialidade de artigos para o uso domestico desde a sala de visitas a cozinha, ou qualquer aposento, se encontra neste estabelecimento objectos de applicações indispensaveis e uteis como: Pianos, Fogões, Mobílias, Espelhos, Tapetes, Crystaes, Louças e Vidros, Fazendas e artigos de Modas, Trens para cozinha, objectos para escriptorio, alcovas, gabinetes, banheiros, jardins, salões, hoteis, cafés, restaurants, Igrejas, navios, chacaras, chalets, clubs, etc., etc.

Candieiros, brinquedos para crianças, objectos para presentes e bebidas finas.

Mobilia-se uma casa em duas horas

Importação directa da França, Inglaterra, Alemanha, Belgica, Portugal e Estados-Unidos da America do Norte

RECEBE CONSIGNAÇÕES

Tem correspondencias para todos os Estados da Republica

Deposito de objectos para viagens, e agencia de charutos, chá fino e artigos de novidades

59 e 61-- Rua do Major Facundo--59 e 61

CONFUCIO

VENDA EM GROSSO E A RETALHO

—FORTALEZA—

«Estrella do Oriente»

Este emporio de modas continúa a afirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europeia produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanta-se pelo esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado

Assim quem quizer um artigo de bom gosto não tem mais que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52— Rua do Major Facundo—52

Preparados Medicinaes

DO PHARMACEUTICO CARLOS DE MIRANDA

Approvados pela Inspectoria de Hygiene do Estado

AGUA INGLEZA

(MODIFICADA)

Substitue vantajosamente a antiga Agua Inglesa em todos os casos em que se faz mister a applicação d'este agente therapeutico.

Como tonico, anti-febril é um poderoso estimulante do organismo depauperado por graves enfermidades e um estomachico de primeira ordem.

Xarope peitoral de angico composto Remedio maravilhoso e unico para tosse, bronchite, asthma e toda affecção pulmonar.

PRAÇA DO FERREIRA N.º 6.

Phenix Caixeiral

Este novo importante estabelecimento, reaberto sob a gerencia de Heraclito Domingues, é hoje a primeira casa de modas e phantasias desta capital.

Dispõe de um magnifico e variado sortimento de tudo quanto a industria europeia, tem inventado em elegancia, luxo e arte, e adoptou o seguinte programma: Vender barato e a dinheiro.

54, Rua Major Facundo, 54

A'S NOVIDADES

Reabriu-se a concorrência este conhecido estabelecimento da nossa praça. Especialidade em quinquilharias, louças, vidros, e artigos para uso domestico.

Proprietarios.

CASTRO SILVA & C.

56--Rua Major Facundo--56

Oliveira Rola

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28